

Cativeiro e Moléstia: A Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e o perfil de escravos enfermos no contexto do fim do tráfico negreiro no Brasil (1847 – 1853)

Jaqueline Hasan Brizola

Em 1850 o governo imperial brasileiro aprovou a lei Eusébio de Queiróz que proibiu definitivamente as viagens transatlânticas envolvendo o comércio de escravos de África para o Brasil. A partir de então, há um aumento no preço dos escravos, assim como uma preocupação adicional, por parte dos senhores, em prolongar o tempo de vida útil de seus cativos. Situada no campo da história social, esta pesquisa tem dois objetivos principais: identificar, social e historicamente, o perfil dos escravos enfermos acometidos por diversos tipos de doenças que receberam assistência na Misericórdia de Porto Alegre durante os anos que cercam a cessação do tráfico; e, ainda, compreender que tipo de papel desempenhava a instituição Santa Casa no contexto em que estava inserida. Através do livro de matrícula geral de enfermos, foram transcritos e analisados 463 registros de entradas de escravos enfermos na Santa Casa de Porto Alegre entre os anos de 1847 a 1853. Outros documentos relativos à instituição também foram utilizados. Para fins metodológicos optou-se pelo cruzamento das informações seriais contidas na matrícula geral, com outras de ordem qualitativa que podem ser encontradas principalmente nos documentos da Provedoria e nos compromissos públicos da Santa Casa firmados ao longo do século XIX. Este trabalho privilegia a elaboração de Edward Thompson em relação às Misericórdias e às práticas de caridade, para quem a idéia de doar está sempre e intimamente ligada à idéia de ganhar. O problema de pesquisa esteve focado em compreender os significados da presença de escravos na condição de enfermos na instituição e no período já citados. Tendo em conta seus perfis, algumas considerações foram elaboradas a partir da análise de variáveis como: idade, origem, sexo e moléstia. Observei, então, que os escravos que estavam sendo internados na Misericórdia de Porto Alegre, no contexto mencionado, tinham um perfil bem definido. Eram homens, jovens, entre 12 e 30 anos, provavelmente teriam nascido em algum ponto do continente africano e figuravam nas enfermarias da Misericórdia por portar, majoritariamente, doenças infectocontagiosas.